

**sinopse** Depois de informado da morte da mãe, Thomas (Benno Fürmann) deixa o exército e regressa a Jerichow, uma pequena cidade no nordeste da Alemanha. O seu objectivo é renovar a velha casa de família e recomeçar outra vida. Porém, naquele lugar os empregos são escassos e a vida difícil. É então que conhece Ali Özkan (Hilmi Sözer), um emigrante turco dono de uma cadeia de restaurantes e de uma casa no coração da floresta. Necessitado, Thomas aceita emprego como motorista de Ali. Mas é quando conhece Laura (Nina Hoss), a jovem e infeliz mulher do patrão, que Thomas percebe que a sua vida jamais será a mesma...

**Um filme dramático escrito e realizado pelo alemão Christian Petzold, vagamente inspirado na obra "O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes", de James M. Cain.**

Festivais e Prémios:

*Festival de Cinema de Veneza* – Seleção Oficial

*Prémios do Cinema Alemão* – Nomeações para Melhor Filme e Melhor Realizador

*Prémios da Crítica de Cinema Alemã* – Prémio de Melhor Filme

Título original: Jerichow (Alemanha, 2009, 93 min)

Realização e Argumento: Christian Petzold

Interpretação: Benno Fürmann, Nina Hoss, Hilmi Sözer

Produção: Florian Koerner Von Gustorf, Michael Weber

Fotografia: Hans Fromm

Montagem: Bettina Böhler

Estreia: 13 de Setembro de 2012

Distribuição: Leopardo Filmes

Classificação: M/12

Página Oficial: <http://www.jerichow-der-film.de/>



## **Deserto de almas**

*Luis Miguel Oliveira, Público de 13 de Setembro de 2012*

Pegar na sordidez moral das histórias de James M. Cain - em especial O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes, que Jerichow adapta parcial e veladamente - e transpô-la para a época contemporânea, numa região do norte da Alemanha (do Leste): eis uma parte importante do projecto de Christian Petzold, mas que não resume tudo. A sua ideia é ir mais longe do que uma mera troca de cenários, e talvez por isso a zona de Jerichow, assim se chama a cidade, seja filmada como uma geografia à americana, horizontal e dispersa, onde a todo o lado se tem que ir de carro (se Jerichow é assim ou não, não sabemos, mas é importante que o filme a mostre assim - basicamente, é Petzold a filmar a antiga Alemanha de Leste como um deserto). A sua ideia, que parece óptimo princípio quando se trata de pensar um remake, é fazer uma versão filmada de O Carteiro... que nunca tenha sido feita: minimal, distante, sem se deixar seduzir, nem deixar alguém seduzir-se, pelas suas personagens.

Parece óbvio que Petzold teve em conta as mais célebres versões cinematográficas da história de Cain; e parece óbvio porque faz o contrário de todas elas. Nenhuma da intensidade erótica da versão Rafelson de 1981 (com Jack Nicholson e Jessica Lange): os corpos mal se tocam, e quando se tocam não há ali excitação alguma para ninguém, é uma coisa de impulso, quase animal, e neutra. Em vez do realismo sujo, promíscuo, da versão Visconti (*Ossessione*, de 1942), apenas uma espécie de fealdade muito normal e muito banal, snack-bars de beira da estrada, rulotes de kebabs, piqueniques na praia (aquelas entusiasmantes praias do mar do Norte) acompanhados de canções duvidosamente popularuchas. E em vez daquela sordidez feita pasta da versão Tay Garnett de 1946 (será pacífico dizer que é a melhor de todas), que parece que nos suja as mãos só por estarmos a ver o filme, obra-prima de glamour oleoso com o par mais sleazy da história do cinema americano (Lana Turner e John Garfield) - em vez disso, dizíamos, apenas desafecção, cuidadosa remoção de qualquer efeito de espectáculo, redução das personagens a meras silhuetas andantes e, a partir de certa altura, conspirativas (do amante sabemos muito pouco, da mulher o que sabemos é ela que o conta numa golfada, e o marido acaba por ser a personagem mais clara, mais exposta na sua fragilidade humana, mas nem por isso mais "simpática" do que a dos outros dois).

Tirar tanto de tanta coisa tem os seus riscos, mas também também não há razão para pensar que não era aqui, a esta versão esquelética, despovoada, e quase esquemática, da história de Cain, que Petzold queria chegar. Com tão reduzida caracterização, sobressaem os pormenores estranhos, provavelmente para serem tomados como simples falsas pistas - é importante o marido ser turco? é importante que o amante seja um veterano do Afeganistão "desonrosamente" desmobilizado? (Quem saberá). E com tão reduzida "acção", sobressaem (traço reconhecível de outros filmes de Petzold) os micro-acontecimentos, os gestos, as posições, os contrastes físicos dos actores - e disto se pode dizer que é, no fundo, a "matéria" do filme. Não toda, no entanto: nos silêncios, nos "intervalos" entre as personagens (muito bem dados naqueles planos gerais em que estão os três, e há geralmente muito "ar" entre eles), há ali uma questão de comunicação, ou meramente de expressão, como que um bloqueio, que tem certamente a ver com a intimidade e os afectos mas também pode ter a ver - tanta falta de ambição, tanto tédio - com um comentário (ou talvez apenas com uma caricatura) de tipo sociológico. Maneira de dizer que, se *Jerichow* é de facto uma versão "nunca feita" da história de Cain, certos momentos permitem imaginar o que seria um nunca filmado *Carteiro Toca Sempre Duas Vezes* por Antonioni.

## **Uma tragédia alemã**

*João Lopes, Cinemax*

Christian Petzold, cineasta alemão, distingue-se por uma rigorosa geometria narrativa, sempre apoiada num elaborado trabalho com os actores: "*Jerichow*" confirma as suas qualidades.

"*Jerichow*", do alemão Christian Petzold, não será uma obra-prima. Mas é, por certo, um objecto cujas singularidades merecem uma atenção que, por regra, o mercado recusa aos seus produtos mais "frágeis". De facto, há nele uma energia vital que se fundamenta, antes de tudo o mais, numa caracterização



social das personagens que nunca resvala para a "sociologia" fácil e moralista.

A matriz de "Jerichow" é o romance de James M. Cain, "O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes", publicado em 1934 (cujas adaptações mais célebres têm assinatura de Tay Garnett e Bob Rafelson, respectivamente em 1946 e 1981). Ou seja: um trio insólito, dois homens e uma mulher, que gera um impulso criminoso. Mais concretamente: Ali (Hilmi Sozer), cidadão de origem turca, é casado com a alemã Laura (Nina Hoss); Thomas (Benno Furmann) é um soldado alemão que, depois de ter sido afastado da sua missão no Afeganistão, se emprega na empresa de Ali, envolvendo-se com Laura...

A grande vantagem de "Jerichow" (o título refere-se à pequena povoação onde tudo acontece) é a sua frieza dramática. Não há, de facto, nenhuma tentativa de "universalizar" temas ou personagens. Bem pelo contrário, o filme cola-se aos seus protagonistas, dando-lhes espaço para se revelarem nas suas especificidades e fantasmas de comportamento. O resultado é uma crónica social que, a pouco e pouco, se transfigura em tragédia amorosa.

De Petzold, já tínhamos visto no mercado português "Yella" (2007), também com Nina Hoss, também marcado pela mesma rigorosa geometria narrativa. E pelos dois exemplos, o mínimo que se pode dizer é que há nele um sentido do retrato individual que passa sempre por um elaborado trabalho com os actores. Entretanto, o seu filme mais recente, "Barbara" (2012), é o candidato alemão à nomeação para o Oscar de melhor filme estrangeiro.